

histórias da saúde

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 12 • 2012



seu pensamento.

Paulo Archer de Carvalho  
Investigador Integrado do CEIS20 /  
Bolseiro de Pós-Doutoramento da FCT

---

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares  
(coord.) - *Portugal-Europa. 25 anos  
de adesão*. Coimbra: Almedina, 2011.  
(Estudos sobre a Europa, 10). 112 p.  
ISBN 978-972-40-4571-9.

Maria Manuela Tavares Ribeiro, numa iniciativa que nunca será por demais louvar, deu início à coordenação/publicação da Coleção *Estudos sobre a Europa* (editada pela Almedina), que conta, já, com dez volumes de reconhecido interesse para os académicos, os políticos e para os que se dedicam ao estudo e reflexão dos assuntos internacionais, muito particularmente, dos assuntos comunitários.

De referir, ainda, que esta Coleção materializa uma pertinente análise sobre a Europa, de base histórica, mas sempre com um carácter multi e pluridisciplinar, concorrendo, deste modo, para o desenvolvimento do espírito crítico e incentiva ao debate sobre temas europeus.

O volume *Portugal-Europa. 25 anos de adesão* é o resultado de um conjunto de reflexões apresentadas no decurso de um colóquio sobre a mesma temática, organizado em 2009, pelo Grupo de Investigação *Portugal, Europa e o Mundo* do CEIS20 e que contou com o apoio do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, do Gabinete em Portugal do Parlamento Europeu e da Representação da Comissão Europeia

em Portugal.

Este Encontro Científico integrou a participação de vários especialistas e este livro pretende contribuir para um mais profundo conhecimento do processo de integração europeia de Portugal um tema que, volvido um quarto de século sobre a nossa adesão ao projecto comunitário, continua a revestir-se de toda a pertinência e actualidade.

No que respeita ao conteúdo, o presente volume coloca, uma vez mais, um desafio provocador que vem incentivar um diálogo interdisciplinar e crítico, com inovação e estímulo. Releve-se o debate sobre os principais desafios com que Portugal hoje se confronta na Europa e no Mundo com o intuito de levantar novas questões e pistas de reflexão. Ao longo dos seis textos de especialistas oriundos de diferentes áreas do saber (História, Filosofia Política, Ciência Política, Relações Internacionais, Economia) são colocadas, com particular actualidade, questões como: negociação, construção europeia, integração europeia, integração económica, social e política de Portugal, política externa portuguesa, Política Europeia de Segurança e Defesa, Política Comum de Segurança e Defesa, NATO, autonomia, liberdade, Europa das Regiões, proporcionalidade, subsidiariedade, relações transatlânticas, euromundismo e americanismo. Trata-se de temas sempre actuais e oportunos, num momento em que a União Europeia, em geral, e Portugal, em particular, repensam o seu destino e se preparam para os desafios do “Novo Século”.

Neste contexto, não será demais analisar e referir os aspectos mais relevantes dos artigos publicados neste número.

José Medeiros Ferreira, no seu artigo intitulado “Metamorfoses e Negociação na União Europeia”, analisa com um olhar retrospectivo, ao mesmo tempo que pros-

pectivo, o longo processo de aproximação de Portugal à Europa Comunitária, desde “os pressupostos do pedido de adesão em 1977 até aos nossos dias” tendo-se nesse caminho desenvolvido “uma prática negocial que ainda não tem manual nem teoria.”

No texto sobre “Portugal e a Europa: agendar um reencontro?” José Reis elabora uma síntese geral sobre implicações verificadas em diferentes domínios, designadamente nos domínios político, económico e social durante os 25 anos de integração europeia. Conclui o autor que “tanto a construção europeia como a integração portuguesa foram processos de indiscutível riqueza social e política.” No entanto, quer a União Europeia quer a nossa inserção nacional são “hoje fonte de perplexidades (...) a União Europeia revela-se incapaz de promover as sustentabilidades que as sociedades do século XXI requerem e de enfrentar uma crise que a diminui globalmente e a fragmenta internamente.”

Luís Andrade, por seu lado, procura demonstrar a relevância do arquipélago dos Açores no âmbito da política externa portuguesa num artigo intitulado “Os Açores e o poder funcional de Portugal”.

Já Carlos Amaral aborda a questão da “Autonomia Regional e Liberdade. 25 Anos de Integração dos Açores” defendendo que “a mudança é o conceito que melhor sintetiza aquilo que 25 anos de integração europeia significaram para os Açores, para a autonomia açoriana e, por arrastamento, para o próprio processo de integração europeia.”

Num estudo especializado sobre “Os desafios da Defesa Europeia: do Tratado de Lisboa ao novo conceito estratégico da NATO”, Nuno Severiano Teixeira identifica e analisa os desafios da Defesa Europeia depois do Tratado de Lisboa. Argumenta que “o Tratado de Lisboa constitui, discutivelmente, um momento

fundamental na história da construção europeia (...) passando a União Europeia a dispor de um conjunto de instrumentos institucionais para melhor responder aos desafios que enfrenta, quer no plano interno (...) quer no plano internacional, com o reforço dos mecanismos de acção externa que lhe permitem maior consistência e maior coerência na resposta aos desafios de um mundo globalizado.”

Adriano Moreira, através de uma análise detalhada da “Integração de Portugal na Europa”, defende que o nosso país não “regressou à Europa apenas com a Revolução de 1974.” Argumenta que Portugal sempre “acompanhou a Europa e por isso também no abandono do comum Império Euromundista, encontrou na adesão à União Europeia o apoio internacional externo que sempre necessitou.” A este propósito, o autor recorda que “nesta data [Portugal] acompanha todas as dificuldades de uma Europa carente de matérias-primas, carente de energias renováveis, e carente de reservas alimentares. O objectivo participado deverá ser fortalecer a unidade do ocidente, rejeitar o conflito entre americanismo e europeísmo, e reorganizar o globalismo em paz.” Neste contexto, defende que “o Oceano Atlântico é um laço fundamental do núcleo da área de cultura [capaz] de colocar os *diálogos das culturas e das políticas no lugar das convicções do fim da história, da indispensabilidade nacional, e do conflito armado.*” O Autor adianta, ainda, que “Portugal tem com o mar os laços históricos, a situação geográfica, o património que é a plataforma continental, e os desafios da segurança do Atlântico Norte, da relação desta com a segurança do Atlântico Sul, da segurança do Mediterrâneo.” E em conclusão, o autor, defende que é imperativo que Portugal “responda ao Mar”.

Concluimos como começámos. Graças

à relevância e actualidade dos assuntos investigados, bem como à abordagem pluridisciplinar ao tema da integração de Portugal na União Europeia, o número 10 da Colecção *Estudos sobre a Europa* constitui um volume de elevado interesse para um público bastante diverso. Com o mesmo rigor e amplo escopo dos anteriores números, o actual volume apresenta-se como uma boa base para reflexões mais aprofundadas sobre processos fulcrais da nossa adesão às Comunidades Europeia.

Isabel Maria Freitas Valente  
Doutoranda FCT/FLUC  
Investigadora Colaboradora do CEIS20  
Membro *Team Europe*

---

KOTOWICZ, Zbigniew - *Psychosurgery. The birth of a new scientific paradigm. Egas Moniz and the presente day*. Centre for Philosophy of Science of the University of Lisbon, 2012. 216 p. ISBN 978-989-8247-47-6.

Zbigniew Kotowicz, actualmente investigador do Centro de Filosofia da Ciência da Universidade de Lisboa, deu à estampa recentemente o livro intitulado “Psychosurgery. The birth of a new scientific paradigm. Egas Moniz and the presente day”.

O autor consagrou ao tema uma série de artigos acerca da Psicocirurgia e apresenta-nos agora uma síntese a que acrescenta algumas teses fruto de uma reflexão acerca da emergência da psicocirurgia, considerados alguns traços biográficos, o contexto internacional e a História da Psiquiatria.

Zbigniew Kotowicz passa em revista a documentação mais significativa relacionada com a génese da Psicocirurgia,

chamando a atenção para a proposição que está na base do desenvolvimento do que considera uma espécie de programa de investigação: *a doença mental é uma doença do cérebro*. A referência que o autor faz aos “programas de investigação” no sentido que lhe atribuiu Imre Lakatos traz automaticamente para primeiro plano uma das bandeiras kantianas do filósofo húngaro, ao sustentar que *a filosofia da ciência sem a história da ciência é vazia; e a história da ciência sem a filosofia da ciência é cega*<sup>1</sup>.

O autor discute as tendências que se formaram desde meados do Século XIX para artilhar esse programa de investigação com metodologias apropriadas, levando a uma espécie de fusão da psiquiatria com a neurologia, desembocando na hibrididade da neuropsiquiatria cuja inconsistência epistemológica é extensivamente discutida.

Zbigniew Kotowicz não aceita algumas das ideias mais simplistas colhidas facilmente na literatura acerca da natureza neurocirúrgica da psicocirurgia. Para ele a psicocirurgia não é uma extensão da neurocirurgia, mas opostamente uma clara violação das regras epistemológicas que aliam a neurologia e a neurocirurgia.

E este é talvez um dos territórios mais estimulantes da discussão que trava. Para o autor, a linha divisória entre a neurologia (que se poderia estender hoje às neurociências) e a psiquiatria, apesar de relativizada por muitos, permanece justificada pela diferença fundamental entre os respetivos objetos.

A articulação entre história da psiquiatria, história da psicocirurgia e a biografia de Egas Moniz acrescenta algumas

---

<sup>1</sup> LAKATOS, Imre - História da Ciência e suas reconstruções racionais. 1ª Edição. Lisboa: Edições 70, 1998, 176p. ISBN 972-44-0958-9. p. 21.